

A grande espiral: pensar a universidade entre o capital e a paranoia – Entrevista com Josep María Català

Carlos Roberto da Costa – Faculdade Cásper Líbero | São Paulo | SP | Brasil | E-mail: ccosta@casperlibero.edu.br | <https://orcid.org/0000-0001-8501-1689>

José Geraldo de Oliveira – Universidade Paulista | São Paulo | SP | Brasil | E-mail: zegeira@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-3067-8413>



O entrevistado desta edição da REU é o professor emérito da Universidade Autônoma de Barcelona, Josep María Català, doutor em Ciências da Comunicação pela mesma escola. Licenciado em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Barcelona, tem o *Master of Arts* em Teoria Cinematográfica pela *San Francisco State University of California*. Ganhou o Prêmio Fundesco por seu primeiro livro, *La Violación de la Mirada: La imagen entre el ojo y el espejo* (1993) e é autor de uma dezena de livros, entre os quais *Estética del ensayo: La forma ensayo, de Montaigne a Godard* (2014), um dos mais recentes, e *La gran espiral: Capitalismo y paranoia* (2016), sobre o qual

conversamos no Club dos Escritores, no dia 16 de janeiro deste 2020, exatamente uma semana antes de estourar a bomba do novo Coronavírus, o Covid-19. “A realidade mostrou ser ainda mais paranoica”, confidenciou Català, em meados de abril.

Prof. Joseph María Català

• e-ISSN: 2177-5788 •

Copyright @ 2020. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.



De *La gran espiral: capitalismo y paranoia*, o livro do professor Josep Català que roteiriza nossa conversa, se pode dizer que é um ensaio sobre a psichistória – termo criado pelo escritor de ficção científica Isaac Asimov. *La gran espiral* também pode ser entendido como uma espécie de psicologia sociocultural, ideia que caracteriza os séculos XIX, XX e XXI.

Josep Català, ainda pouco conhecido no Brasil, sempre esteve relacionado ao estudo da imagem e do cinema. Este trabalho é uma ampliação de um tema que ele apresentou em *Elogio de la paranoia* (1997), quando já formulava o conceito de sintoma como possível explicação do imaginário sociocultural. A forma de escrita deste livro segue naquilo que o professor defende: o ensaio. Neste sentido nos conduz por um caminho espiralado que mobiliza áreas como psicanálise, história, sociologia, comunicação, arte, literatura e cinema e vai nos conduzindo entre idas e voltas a uma forma de ensaio, uma coletânea, assim como Walter Benjamin em *Passagem* (1982), que tinha a pretensão de fazer história, ou reconstruir o material histórico como ensaísta. A proposta de Català é converter os fatos em sintomas que articulam uma ponte ente o fluxo temporal dos acontecimentos e a sua significação social. Nessa espiral, Català lança mão de Marx e Freud para construir a trêsT a ideia básica do livro: pensar o século XIX como um século histórico; o século XX como esquizofrênico; e o século XXI como o século paranoico.

A seguir, momentos de uma conversa, gravada com a intenção de ser também utilizada em um *podcast* do Grupo de Pesquisa Comunicação, Tecnologia e Trabalho, do PPGCOM da Faculdade Cásper Líbero.



Carlos Costa; Geraldo Oliveira – No livro o senhor afirma que estamos imersos em um novo mal-estar da cultura, muito mais profundo que o diagnosticado por Freud. Por quê?

Joseph Català – A primeira ideia era uma ideia metafórica, quer dizer, tomar as enfermidades mentais como metáforas da sociedade. O que aconteceu é que na medida em que fui seguindo este caminho me dei conta de que não era uma metáfora, mas uma realidade. Não podemos dizer que a sociedade, na própria história, não é enferma em si mesma. Tudo o que está acontecendo no âmbito social não está marcado por uma enfermidade mental. Mas também é verdade se não nos contempla via a ciência das psicologias, psiquiatria, estudo do EU e inconsciente, no caso de Freud por exemplo, damos conta de que há um vetor. A enfermidade mental no século XIX era a histeria, Jean-Martin Charcot no Hospital da Salpêtrière, em Paris, era o centro desse estudo. Freud estudou lá.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – Mas ele não prosseguiu com as aulas-show do Charcot, não é?

Joseph Català – Claro que não. Pouco a pouco foi produzindo uma mudança e apareceu a ideia de esquizofrenia como centro desses estudos. Não quer dizer que antes não tivesse havido esquizofrenia, inclusive como diagnóstico. E estamos vendo nos últimos anos como a paranoia teve uma visibilidade dentro do campo da ciência da psicologia e também da própria sociedade. Uma das questões que me fez pensar nisso foi dar conta de que quando vivi nos Estados Unidos a palavra paranoia surgia constantemente. Surgia no cinema, na literatura, na própria fala cotidiana das pessoas. Era habitual dizer: “Você é paranoico”. Inclusive nos videogames. Isso me fez pensar. Algo está acontecendo, não estamos simplesmente diante do diagnóstico de uma patologia de Lion¹.

¹ A patologia de Lion, um tecido fibroso que se desenvolve como um osso, é mais comum em animais que em seres humanos.



Carlos Costa; Geraldo Oliveira – De alguma maneira esta patologia de Lion também transladou para um vocabulário social.

Joseph Català – Exato. E indo mais para trás, comecei a ver se poderia dizer o mesmo no século XIX, não sabendo onde estava o limite do século XIX porque poderia terminar o século XIX no final da Primeira Guerra Mundial e, assim, o século XX seria um século curto e terminaria em 1999. Há muitas discussões sobre isto. Eu creio que foi produtivo neste sentido esta ferramenta para analisar a partir desta perspectiva a sociedade. Fazendo isto me dei conta de algo que já sabia, mas que tinha que investigar. Os filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari escreveram um livro fundamental que é *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia* (1972). É um estudo posterior ao maio de 1968, publicado nos anos 70 e com a proposta de ser um livro contra Freud no sentido de discutir a centralidade de Édipo em Freud e propor que a sociedade capitalista era uma sociedade esquizofrênica. Além de propor algo muito interessante – que a esquizofrenia era uma enfermidade social, engendrando esquizofrênicos –, era também a incisão do indivíduo nesta trajetória uma saída para o capitalismo. Havia essa espécie de paradoxo ou de contradição. Descobri enquanto escrevia o livro e incluí essa discussão em sua feitura. Deleuze e Guattari estavam falando que todo capitalismo é/era esquizofrênico como o futuro seria, a paranoia para eles era algo anterior e extinto. Mas me parecia bem claro que era o contrário. Que o século XX foi esquizofrênico em muitos sentidos e que estávamos entrando na região da paranoia.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – Por que o senhor afirma que a sociedade atual é paranoica?

Joseph Català – As novas tecnologias demonstram claramente isso, não apenas o vocabulário social, mas o próprio fato de termos tecnologias como a Internet, que criam redes sobre um centro que é móvel; o centro do sujeito que navega em cada momento como uma aranha na teia a seu redor, naqueles



lugares que está conectado com aqueles que visitam e navegam. As próprias tecnologias da realidade virtual propõem uma espécie de alucinação que se sobrepõe à própria realidade. Enfim, de algum modo a própria tecnologia, não apenas o vocabulário social, a forma de falar, mas ela mesma, a tecnologia, passa a imagem de uma sociedade em rede, com um sujeito forte no centro de onde tenta controlar o outro. É uma visão bem ampla da paranoia e de alguma forma responde o que seria o diagnóstico de uma patologia. Isso não quer dizer que é só uma patologia, pois ao tornar-se “a norma” social, deixa de ser a anormalidade, algo patológico. Há pessoas que são enfermos mentais, mas o atual caráter patológico supera a ideia de enfermidade mental.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – E de onde vem o que o senhor chama de novo mal-estar da cultura, quase um século depois de Freud?

Joseph Català – Quem sabe a partir de 1989, quando cai o muro de Berlim. O muro dividia o mundo em duas partes. Isso é um hábito esquizofrênico. Uma realidade claramente dividida em duas partes antagônicas. Essa divisão criava certo equilíbrio. Quando isso cai entramos em uma zona de incertezas. E incertezas eram o pano de fundo no período entre guerras em que Freud escreveu *O mal-estar na civilização* (1930). No momento atual não temos ideia clara de qual é o destino, podemos dizer que há muitas coisas que são colocadas em questão. As mudanças climáticas, a distribuição da riqueza, as crises econômicas e políticas que estamos vendo em diversos países, como nos Estados Unidos, ou mesmo no Brasil, ou na Itália e outras partes. Estão colocando inclusive em questionamento a democracia. A democracia que está baseada em indivíduos livres, capazes de refletir etc. Nos damos conta de que tudo funciona por meio de propaganda, de desinformação. Claro que sempre existiu a desinformação, a mentira política, mas agora isso foi levado a extremos antes não imaginados e cria outro mal-estar da cultura. E, como dizia Freud, não é apenas um mal-estar geral, mas do próprio sujeito. Cada indivíduo sofre em sua própria identidade, por sua posição na cultura.



Carlos Costa; Geraldo Oliveira – O senhor afirma que a paranoia não é apenas uma forma de loucura, mas uma questão moral e epistemológica. Fale mais sobre isso, por favor.

Joseph Català – Como já disse, temos de distinguir entre enfermidade mental e um traço determinado de uma identidade, como estudou Michel Foucault. Ele fazia essa distinção perfeitamente, como na História da loucura (1961), e se dá conta de duas camadas: uma são as pessoas com a enfermidade mental e outra a neurose que domina a personalidade. E é aqui que entra a questão moral. Levando em conta como funciona a sociedade atual, ela anula o indivíduo. De certa maneira essa crise de que falávamos nos leva à massificação e tende a diluir o conceito de indivíduo, de liberdade individual. Nesse sentido, podemos fazer uma revisão psicológica com a ideia da morte do sujeito, ou a morte de Deus, como dizia Nietzsche. Se repassarmos todo o século XX nos damos conta de que há, desde o ponto de vista da própria sociologia e da psicologia, uma ação de menosprezar de alguma forma o indivíduo. Um pouco como o estruturalismo, em que o indivíduo não é mais nada além de algo dentro de uma estrutura. Os livros de Deleuze e Guattari vão neste sentido: o sujeito não é mais que um conjunto de agenciamentos, diziam eles, de conglomerados maquínicos. Portanto, a posição moral do ponto de vista do indivíduo ou da ética em geral seria recuperar este indivíduo.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – E a crise da democracia? No Brasil, grupos bolsonaristas pedem a volta da ditadura.

Joseph Català – A crise da democracia está aí por ser produzida por massas desinformadas que simplesmente votam seguindo emoções criadas. A responsabilidade de cada um pela democracia é grande – e é um ideal do Iluminismo. O Iluminismo quebrou por todas as partes, mas é preciso recuperar esse ideal. O pós-modernismo decretou essa crise do Iluminismo. Isto não quer dizer que temos de jogar tudo fora, temos de reconverter,

recuperar o que era o melhor, que é o cidadão ser moralmente responsável no trato da coisa pública, da política.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – Mas esse cidadão não é o mesmo do Iluminismo.

Joseph Català – Não, porque o mundo mudou. É um novo indivíduo. A ideia dessa paranoia, desse sujeito forte capaz de dominar diferentes vetores, seria uma patologia. E há a questão epistemológica. Conhecer o mundo atual e sua conversão a partir do ponto de vista da ciência passa por entender esses futuros e os novos fatores das relações entre as coisas. E estamos falando de uma realidade que muda constantemente. Por isso que digo tratar-se de uma questão moral, ética e epistemológica.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – O senhor é extremamente crítico a respeito do capitalismo e faz constantemente provocações e reflexões sobre ele. Qual é no fundo sua crítica?

Joseph Català – A crítica ao capitalismo já não seria minha, mas de uma tradição. Sou crítico por achar que o capitalismo enlouqueceu. No momento em que começou a desregulamentação, com Margaret Thatcher e Ronald Reagan, começaram as crises. Ao mudarem as regras, a realidade se dispersa, como num movimento de sístole e diástole, a paranoia junta, a esquizofrenia dispersa. Precisamos recuperar o que se dispersou, se quisermos justiça. É um capitalismo que não pode dominar a si mesmo, mas também falei muitas vezes que a utopia não deve ser demasiada. Quer dizer, a ideia utópica de Marx e sobretudo da Escola de Frankfurt, para mencionar a utopia mais moderna, que dizem que a sociedade capitalista não funciona do modo como está. Temos de fazer um *stand by* e esperar que isso mude.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – Por que essa colocação?

Joseph Català – Porque há muitas realidades atuais que devem ser questionadas. Não podemos dizer que no futuro tudo será melhor. Temos de lutar para que esse futuro seja melhor, fazendo uma imersão na própria realidade atual. Sou crítico ao capitalismo, mas também digo que é esta a realidade que temos. Como vocês dizem no Brasil, é o que temos para hoje. Portanto, a crítica deve vir acompanhada da ação, de implantar o que defendemos. Daí minha defesa das novas tecnologias. A crítica das novas tecnologias, do ponto de vista da esquerda, se deve ao fato de que eles as veem como alienantes. Adorno tinha essa mesma ideia reducionista a respeito da cultura popular, não considerava os valores próprios do cinema, da televisão, do jazz...

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – Ele fez crítica à televisão sem assistir a programas, preferia ler os roteiros...

Joseph Català – Isto é ignorar a realidade, seja da televisão ou do cinema. Agora com a Internet e os celulares há uma potência de mudança e de libertação. Isto quer dizer que qualquer indivíduo pode produzir cultura apenas por ter um celular? Não. Precisa de educação, treinamento, ética, mas isto é válido. O reparo à Escola de Frankfurt não estaria tanto na intenção, mas na postura utópica: como tudo isso que está aí é capitalista e alienante, temos de criticar pois é negativo. Os engenheiros e designers das novas formas de dispositivos não estão pensando politicamente, estão pensando em como solucionar problemas que têm a ver com conhecimentos, gestão dos dados e com a própria relação das pessoas. Quando conseguem uma solução então entra o fator político e industrial que quer se aproveitar. Um dos grandes problemas, acredito eu, da esquerda aqui na Espanha é que ignoram, quer dizer, demonizam essas questões e deixam que seja a indústria, a parte mais conservadora e mais capitalista, a que questione. A política ideal seria entrar em cheio no debate dessas

questões, inseridos nelas – mas essa é também uma posição um tanto elitista...

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – A academia tem esses amuletos, autores que parecem como chave que abre todas as portas ou pílulas para todos os problemas, como Bourdieu, Castells...

Joseph Català – Há muitos autores que foram chave e que hoje não são mais. Mas também não podemos abandonar todo o pensamento anterior. Existe algo em Bourdieu, por exemplo a ideia de campo, que pode ser útil, mas não do ponto de vista que ele mesmo utilizava, seja Bourdieu, Marx ou mesmo Freud. Eles estavam criando conceitos que tinham uma utilidade muito efetiva no seu momento, mas que agora podem ser transformados para entender coisas atuais. Claro que não podemos aplicar estes conceitos a ferro e fogo porque seriam inúteis. Quando temos um problema aplicamos a pílula Bourdieu ou qualquer outra do passado e isso não funciona, pois tudo mudou.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – A teoria frankfurtiana da manipulação se esvanece diante da hibridação de García Canclini ou das mediações de Martin Barbero...

Joseph Català – O que acontece é que muitas vezes atuamos dentro de trilhos, como um trem. Se aceita Frankfurt tem de aceitar tudo. Se é adorniano é adorniano; se é marxista é só Marx. Ou tudo ou nada. A minha ideia é que o avanço do pensamento vem por meio da mestiçagem, ou seja, a capacidade de, na posição em que se está agora, recuperar elementos que podem ser transformados em seu benefício. Acrescentar elementos de outras linhas. Isso nada tem a ver com ecletismo, mas que alguns pensadores me abriram uma porta, e com ela um novo campo de visão que posso explorar dentro da minha perspectiva.



Carlos Costa; Geraldo Oliveira – Sua visão da academia sempre foi crítica. O senhor acredita que a universidade prepara hoje os profissionais de amanhã?

Joseph Català – Sou crítico a partir da minha própria experiência. Estava integrado profundamente na universidade espanhola e na minha própria universidade, mas às vezes foi difícil introduzir meus pensamentos fora da sala de aula, pois via que as propostas de planos de estudos não coincidiam com os meus, a universidade era pouco permeável a novas ideias. Mas isso não era o que me preocupava. Poderia ser um Josep Català e continuar escrevendo sobre temas que a universidade não abraçou. O que me incomodava profundamente era ver a tendência de aniquilar o pensamento: constatar que a universidade está repelindo novas ideias, a capacidade de pensar. Os saberes que se transmitiam eram saberes fechados e muitos práticos e úteis no sentido de “para que serve isso”. Muitas vezes os estudantes expressavam isso de forma muito superficial. “Isto vai cair na prova?”; se não vai cair no exame para que preciso saber isto, ou que isto vai me servir na vida? Havia uma contradição, sobretudo nos últimos anos com a crise enorme na Espanha e no mundo. Se os postos de trabalhos eram escassos poderia parecer justificável que o ensino estivesse dirigido a encontrar emprego.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – É um pensamento bastante pobre.

Joseph Català – Por outro lado, a universidade teria de ser mais do que isso e não soubemos passar por essa crise. O reducionismo embutido nessa concepção da universidade como passaporte para o emprego diminui o papel da academia como alavancadora de inovação e de reflexão sobre o mundo do trabalho. Ela precisa de uma visão muito mais ampla de formar cidadãos, claro que profissionais, mas capazes de entender a sua função nas mudanças. Fui vendo como, cada vez mais, as grades curriculares, as declarações dos diretores das faculdades, os planos dos ministérios caminhavam no sentido oposto. O de buscar uma saída mais prática. O



quadro geral é esse: a universidade está afastada da realidade, o que é certo, mas esse afastamento da realidade se dá de duas maneiras: do ponto de vista prático, ela não estabelece uma corrente de transmissão imediata naquilo que o mercado necessita. Em segundo lugar, conectada com a realidade, ela não é capaz de detectar qual é mesmo essa realidade. Estamos ensinando temas que parecem ser do século XIX, num pensamento positivista e mecanicista, quando o mundo está em outra rota há muito tempo.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – A academia não produz pensamento crítico sobre essa situação?

Joseph Català – Todas as universidades são organismos e instituições muito amplas, com muita gente e pluralidade de pensamento. Claro que há muito pesquisador produzindo pensamento crítico, mas a própria escola não o divulga e nem se transforma a partir dessa visão. Ou seja, o pensamento crítico não tem força para mudar a universidade. A carreira acadêmica, aqui ou no Brasil, é extremamente restritiva. Não apenas pela falta de posto de trabalho, mas porque exige desde o primeiro momento que o candidato tenha publicado em determinada revista ou se apresentado em determinado congresso. Ou seja, ele já entra treinado nas coordenadas da academia. As revistas são muito especializadas pois pedem determinados tipos de artigos; as agências financiadoras concedem suporte a determinados tipos de investigação. Claro, se essas pessoas querem ter uma carreira acadêmica não podem ser livres e dizer: “Vou ser criativo e imaginativo, abrir campos novos”. Eles terão de seguir caminhos já trilhados. E é aí que mora o problema.

Carlos Costa; Geraldo Oliveira – No pensamento tecnicista?

Joseph Català – A princípio a técnica também pode ser uma ajuda à filosofia e ao próprio pensamento, muitas das formas atuais são transmitidas através da técnica. É curioso que os autores mais conservadores, inclusive de extrema direita, são os que planteiam essas questões. O problema é quando isso atinge todo o tecido social. Aí não se trata de um discurso de direita ou de extrema direita, mas quando a esquerda também o adota, implanta-se a treva. Agora há um novo governo aqui na Espanha, por necessidade política, um governo de coalizão de vários partidos – e eles separam ciências e universidades. Antes havia um ministério de ciência e universidades. O ministro nomeado para o ministério da universidade é o Manuel Castells. Este senhor no primeiro dia disse: “Não estou de acordo com a separação de universidade e ciência, mas aceito”. Pensei: “Está enganado, não se dá conta do que ocorre”. Evidentemente que na universidade há ciência, tem que fazer ciência, mas universidade também tem literatura, filosofia, pensamento. Se não coloca ciência na universidade está dizendo claramente que a universidade tem de produzir ciência, ter uma utilidade, registrar patentes ou tem de moldar-se a planos nacionais de investigação porque senão não receberá subvenções etc., etc. Então claramente essas diretrizes não têm um escopo administrativo ou estrutural, é sim uma questão ideológica. Por que não colocam cultura e universidade juntos? Isto já ocorreu, e quando escolhem alguém tão eminente [*o entrevistado assume um tom de ironia*], um sociólogo tão profundo como Castells, este não se dá conta do que realmente está protagonizando. Agora há pouco, a caminho dessa conversa, ouvia no rádio sobre os incêndios na Austrália. O fogo consumiu por condições climáticas, uma superfície equivalente à de Portugal. E o primeiro ministro da Austrália não relaciona essa catástrofe com a mudança climática.



Carlos Costa; Geraldo Oliveira – Beatriz Sarlo escreve em um de seus livros sobre a febre ocorrida na Argentina com os cursos de programação de computador. Então chega o Windows e programar deixa de ter importância. Ela afirma que teria sido mais proveitoso ensinar a pensar.

Joseph Català – Estou absolutamente de acordo. Ainda acontece essa febre. Já ouvi e continuo a ouvir professores afirmarem que deveríamos ensinar a programar, porque se temos todas essas novas tecnologias, o correto seria adquirir esta linguagem da programação. Isso não cabe na universidade. Programação é uma questão técnica. O engenheiro precisa pensar essa tecnologia. Houve uma discussão na faculdade sobre o que ensinar em algumas disciplinas de cinema. O que ensinávamos? Passamos o ano ensinando a funcionar as máquinas, o programa de edição, e não a pensar o que é uma edição. Ensinava-se o funcionamento do Adobe Premier. Para isso existe o manual. Durante muito tempo o espaço de ensino dessas disciplinas, que tem a ver com montagem e som, só se preocupava em ensinar a operar determinados programas.

